

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Infantil

Valéria Fátima Rosa Pereira

**A VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE A RELAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DO
TEMPO E ESPAÇO NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Belo Horizonte
Faculdade de Educação/UFMG
Março/2014

Valéria Fátima Rosa Pereira

**A VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE A RELAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DO
TEMPO E ESPAÇO NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Orientadora: Vanessa Ferraz Almeida Neves

Belo Horizonte
Faculdade de Educação/UFMG
2014

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a visão das professoras da educação infantil em relação à organização do tempo espaço e sua influência nos processos de ensino e de aprendizagem das crianças. O mesmo foi desenvolvido no Centro Infantil Municipal Vila Cristina no município de Betim. O trabalho possui uma abordagem qualitativa e teve como referencial teórico os seguintes autores: Zabalza, Horn, Forneiro, Moura entre outros. Esses autores trazem contribuições importantes na organização dos espaços/ambientes como facilitador da aprendizagem das crianças pequenas. O trabalho foi realizado através de observações, entrevistas e conversas informais. No decorrer da análise dos dados foi possível concluir que a organização dos espaços/ambientes é fundamental na aprendizagem das crianças, mas exige do professor todo um planejamento dessa organização, principalmente da compreensão da concepção de criança que cada um possui. É uma busca constante de informações, formações continuadas que podem enriquecer o trabalho independente das condições em que se encontram.

Palavras - chave: Organização dos espaços, ambiente, aprendizagem.

ABSTRACT

This project aims to analyze the point of view of the children education teachers regard to the organization of the space of time and its influence in the teaching process and the learning of the children. The same project was developed at the Vila Cristina town children Center in the city of Betim. This project has a qualitative approach and had as its theoretical framework authors who bring important contributions in the organization of the spaces/environments as a facilitator in the little children learning process (Zabalza, Horn, Forneiro, Moura and many others). The project was done through observations, interviews and informal conversations. Upon the analyses of the data one can conclude that the organization of the spaces/environments is fundamental in the children learning process, but the teachers is expected to have a planning of this organization, especially the comprehension of the conception of child that each one has. It's a constant quest of information, continued formations that may be able to improve the project, even considering the infrastructure of some institutions.

Key Words: Organization of the spaces, envorinment, learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I - UM BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	9
1.1 Educação infantil.....	9
1.2 Concepções de criança, educar/cuidar, aprendizagem.....	11
1.2.1 Criança.....	11
1.2.2 Educar/cuidar.....	12
1.2.3 Aprendizagem.....	13
1.3 Qualidade na Educação Infantil.....	15
CAPÍTULO II - ORGANIZAÇÃO DO TEMPO E ESPAÇO COMO INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS	20
2.1 O espaço escolar como ambiente de aprendizagem.....	22
CAPÍTULO III - PERCURSO METODOLÓGICO	28
3.1 Apresentação da Instituição.....	28
3.2 Tipo de pesquisa.....	29
3.3 Proposta de intervenção.....	30
3.4 Entrevista.....	32
3.5 Roteiro da entrevista.....	32
3.6 Conversas Informais.....	33
CAPÍTULO IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	34
CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Os motivos que me levaram a realização dessa pesquisa foram as condições vividas em uma escola de Educação Infantil do município de Betim. Tais condições, sugerem uma falta de cumprimento dos direitos sociais das crianças pequenas garantidos na Constituição Federal e na LDBEN/13. Esses documentos partem de uma nova visão de criança que hoje é reconhecida como um sujeito de direitos, um ser ativo capaz de construir seus próprios conhecimentos, não mais como crianças ingênuas. A procura por escolas de educação infantil aumentou muito nas últimas décadas e, assim, a responsabilidade da garantia da oferta passou a ser do estado e para família uma opção. Assim como a oferta, é preciso a qualidade que depende de vários fatores como, remuneração e qualificação de profissionais habilitados na área, a organização de um espaço digno, amplo, ventilado para atender, alimentação e cuidados de higiene. Esses fatores são discutidos no trabalho por muitos autores, que priorizam a qualidade nas funções do cuidar/educar que são indissociáveis. Para garantir a qualidade são necessários diversos fatores como remuneração digna aos profissionais, espaço apropriado, formação continuada, e outras questões importantes na educação.

Como um fator fundamental para a garantia da qualidade, abordaremos a organização do tempo e espaço no desenvolvimento da pesquisa. Tenho como objetivo analisar a visão das professoras da educação infantil sobre a organização do espaço como facilitador no processo de ensino aprendizagem das crianças pequenas. Procuo investigar o que as professoras pensam sobre essa organização; se a organização do espaço compromete a aprendizagem das crianças, sua interação com outro; se há ou não qualidade no trabalho desenvolvido com as crianças; em que situações as professoras pensam no espaço, quando e como; se essa organização faz parte do seu planejamento no cotidiano. Muito são os questionamentos que deram origem a essa pesquisa, pois a organização do tempo e espaço na educação infantil é mais do que uma ferramenta para o professor no processo de ensino aprendizagem das crianças. Portanto, compreender como os espaços da instituição são utilizados por professores e crianças e, se as professoras veem os espaços como um ambiente que educa é fundamental na realização desse trabalho.

Discutir o espaço envolve relações culturais das pessoas envolvidas no ambiente escolar e fora dele. O meio social em que cada criança vive, o que aprende a sua volta, a

cultura que cada um traz, a concepção de educação infantil que cada professor possui são elementos que influenciam as relações do dia-a-dia entre professor/criança, criança/criança.

O presente trabalho foi estruturado em cinco capítulos. O primeiro deles nos mostra um breve histórico da educação infantil no Brasil, principalmente nas décadas de 70 e 80. Meu foco será pensar a trajetória da educação infantil principalmente como de responsabilidade do estado e as concepções de criança, do binômio entre o cuidar e educar, aprendizagem e qualidade na educação infantil. Apresento uma abordagem teórica que nos mostra a importância do planejamento na educação infantil, do papel do estado e a garantia dos direitos sociais das crianças pequenas.

O segundo capítulo apresenta a organização do espaço como elemento fundamental nos processos de ensino e de aprendizagem. Teço algumas considerações sobre a relação do espaço /ambiente como outro educador, da estrutura física, da rotina, do favorecimento da interação das crianças, das atividades diversificadas e significativas, parceria entre espaço/educador, da parceria família/escola e promoção da autonomia.

O terceiro capítulo faz uma apresentação da Instituição escolhida para a realização do trabalho, as participantes, o tipo de pesquisa, a proposta de intervenção e descreve todo o percurso da pesquisadora que enfrentou muitos obstáculos para concluir o trabalho.

O quarto capítulo enfoca a análise e discussão dos dados obtidos com o trabalho. Confronto a realidade com o que é discutido entre os autores e a legislação em relação à garantia da organização dos espaços nas instituições, o que as professoras fazem e o que esperam. Através das falas das professoras, foi possível identificar posturas dissociadas entre teoria e prática.

O quinto capítulo aborda as considerações finais do trabalho. Ressalto que há um comprometimento do espaço físico da instituição, mas a prática também está em construção, pois existem muitas ideias controversas acerca do que realmente proporciona aprendizagem e das relações entre o cuidar e educar.

Acredito que esse trabalho não resolverá todos os problemas encontrados no CIM, mas irá traçar novos caminhos, para uma busca constante de qualidade na educação infantil.

A seguir, apresento as discussões do primeiro capítulo que trará um entendimento da trajetória da educação infantil no Brasil.

CAPÍTULO I: UM BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

O presente capítulo traz um breve histórico da educação infantil relacionados aos caminhos percorridos até chegar às organizações atuais e reconhecimento dos direitos sociais da criança pequena. A importância do cuidar e educar, da aprendizagem, do respeito à criança e suas particularidades que muitas vezes são incompreendidos pelos professores das instituições.

Como primeira etapa da educação básica é fundamental garantir o atendimento com qualidade nessa fase da vida.

1.1 Educação infantil

Iniciarei a discussão sobre a educação infantil a partir da década de 70, traçando uma concepção focada no assistencialismo, o mesmo perdurou por quase um século.

As instituições eram mantidas por entidades filantrópicas e comunitárias ou pelo poder público. O atendimento ofertado em condições precárias, os profissionais mal remunerados e despreparados e havia ausência de recursos materiais. Um atendimento pobre para atender crianças pobres, o belo era para poucos.

Neste contexto, Faria afirma que,

[...] nessas instituições infantis desenvolvia-se um trabalho de cunho assistencial-custodial, pois a preocupação era apenas com a alimentação, higiene e segurança física. Não se desenvolvia um trabalho educativo voltado para o desenvolvimento intelectual e afetivo da criança, pois não era considerado como dever social e sim, um favor ou caridade de certas pessoas ou grupos. (FARIA, 1999, p.25).

Toda criança também precisa de cuidados como alimentação, higiene e segurança física esses fatores fazem parte do cuidar e educar. Mesmo com a legalização das instituições educacionais a educação das crianças pequenas não era de responsabilidade do estado, pois a sociedade não estava preparada para assumir esse papel.

Nas décadas de 70 e 80 surgia a consciência de que a educação nessa fase da infância era um direito social. Nesse momento as discussões sobre a educação infantil passou a ser de interesse das políticas públicas envolvidas num contexto econômico e político, que acabou ganhando força na Constituição Federal.

O processo que resultou nessa conquista teve ampla participação de movimentos comunitários, dos movimentos de mulheres, dos movimentos de trabalhadores, dos movimentos de redemocratização do país, além evidentemente, das lutas dos próprios profissionais da educação (DCNEI – BRASIL, 2010, p.7).

De acordo com a Constituição Federal de 1988, o direito da criança de frequentar a Educação Infantil vem explícito como garantia e responsabilidade do estado.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:
I - Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009).
IV - Educação infantil, em creche e pré-escola, as crianças até 5 (cinco) anos de idade. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006) (BRASIL, 1988).

A educação infantil, como responsabilidade do estado, representa para a população brasileira um grande avanço, mas não basta garantir o atendimento, além da oferta é necessário a qualidade, só assim é possível acabar com a ideia de que para as crianças pobres qualquer coisa serve.

Na década de 90, após muitos debates e discussão sobre melhorias para educação infantil o Ministério da Educação e Cultura (MEC) elaborou o Referencial Curricular para Educação Infantil e distribuiu pra todas as instituições do país. Em seguida, desenvolveu um programa de formação continuada no sistema de ensino com o objetivo de divulgar e discutir o documento que visava auxiliar o professor na sua prática pedagógica.

O Referencial Curricular traz uma nova forma de trabalhar na educação infantil voltada para a valorização dos direitos da criança. Mudar a visão de uma educação voltada para o assistencialismo não seria uma tarefa assim tão fácil, pois o mesmo deixou fortes marcas, difíceis de apagar.

Modificar essa concepção de educação assistencialista significa atentar para várias questões que vão muito além dos aspectos legais. Envolve principalmente assumir especificidades da educação infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre classes sociais, às responsabilidades da sociedade e o papel do estado diante das crianças pequenas (RCNEI 1998, p.17-18).

Ao pensar numa Educação Infantil de qualidade precisamos compreender como se dá aprendizagem da criança pequena, quais fatores são importantes nessa fase da vida para que haja o seu desenvolvimento integral.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Para garantir o desenvolvimento integral da criança, não podemos deixar de considerar concepções importantes como criança, educar, cuidar e aprendizagem. Elas nos ajudam a compreender como se dá o processo de aprendizagem em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social na educação infantil.

1.2 Concepções de criança, educar/cuidar e aprendizagem.

Nas últimas décadas as discussões que envolvem a Educação Infantil tem sido muito frequentes, principalmente os direitos sociais das crianças e a polêmica presente entre o cuidar e educar. As instituições e profissionais precisam estar cientes que para uma educação de qualidade é necessário cuidar/educar.

As crianças são seres humanos que possuem muitas habilidades que vão se desenvolvendo com o passar do tempo. Elas possuem um jeito particular de descobrir o mundo em sua volta e são capazes de aprender nas interações, na qual os aspectos afetivos, cognitivos e linguísticos se integram em permanente mudança.

Cuidar/educar de uma criança é ter um olhar sensível em relação aos aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais. Esses aspectos precisam estar explícitos, só assim podemos entender como cuidar de uma criança dentro de um contexto educativo, ou como educar uma criança no contexto de cuidados necessários para o seu desenvolvimento.

Essas ações têm que acontecer de forma lúdica e prazerosa com elementos culturais significativos que enriqueçam o seu desenvolvimento intelectual e reforcem a sua importância na sociedade. As crianças são protagonistas do conhecimento, esse fato representa para os profissionais que atuam na educação infantil um grande desafio.

1.2.1 Criança

A concepção de criança será apresentada de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), elaborado em 1998 pelo Ministério da Educação

e Cultura do Brasil, com o objetivo de oferecer uma proposta pedagógica de qualidade na educação infantil do Brasil.

Crianças sempre existiram, independente das concepções que se tinham delas. As crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas pelas sociedades em que estão inseridas, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico.

As crianças possuem uma natureza singular que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio (RCNEI, 2001, p.21).

Neste sentido, Corsaro (1997, p.5) define: “as crianças são agentes ativos que constroem suas próprias culturas e contribuem para a produção do mundo adulto”.

O autor entende que as crianças são responsáveis por suas infâncias e, logo, têm uma participação social bilateral, afetam e são afetadas pela sociedade.

Zabalza (1998) define criança de duas formas: Criança como sujeito de direitos e Criança Competente. Na primeira delas, a criança não é influenciada pela visão adultocêntrica, ou seja, “é um ser ativo que brinca e aprende com o mundo a sua volta”. (ZABALZA, 1998, p.19). É fundamental essa reflexão que envolve o direito a infância, pois as crianças devem ser educadas com condições que lhe permitem o pleno desenvolvimento pessoal, que é muito importante na formação de um cidadão crítico.

No contexto de Criança Competente, há um reconhecimento e valorização das experiências vividas pelas crianças. Experiências estas, que serão enriquecidas e ampliadas na escola com “vasto repertório de recursos (linguísticos, comportamentais, vivenciais, etc.)” (ZABALZA, 1998, p.20).

Segundo o RCNEI, no processo de construção do conhecimento, as crianças utilizam as mais diferentes linguagens e buscam, a todo momento, hipóteses originais e ideias criativas sobre o que buscam desvendar. As crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem.

Desta forma, o grande desafio dos profissionais da Educação Infantil está em compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo.

1.2.2 Educar/Cuidar

A Deliberação 003/99, do Conselho Estadual de Educação em seu Art. 6º, ressalta que: a educação infantil deve cumprir com suas duas funções: Educar e Cuidar.

A educação infantil tem como objetivos proporcionar condições adequadas para promover o bem-estar da criança; seu desenvolvimento físico, motor, intelectual, emocional, moral e social, a ampliação de suas experiências e estimular o interesse da criança pelo processo do conhecimento do ser humano, da natureza e da sociedade (C.E.E. 003/99, Art. 6º).

De acordo com o Referencial Curricular para a Educação Infantil:

Educar significa propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros, em uma atitude de aceitação, respeito e confiança e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis (BRASIL, 1998, p.23).

O processo educativo é realizado de várias formas: na família, na rua, nos grupos sociais e, também, na instituição. Ou seja, educar uma criança é cuidar, dar atenção, respeitar seus momentos de fragilidade, interessar-se pelo o que sente, pensa, o que ela sabe sobre si e o mundo, ajudá-la a construir e ampliar seus conhecimentos.

O fato importante nessa discussão não são apenas os cuidados que as crianças devem receber, mas o modo como elas devem recebê-los, já que alimentar-se, assear-se, brincar, dormir, interagir são direitos inalienáveis à infância (GARCIA, 2001). Ou seja, fazem parte do processo de aprendizagem.

1.2.3 Aprendizagem

Como já mencionado anteriormente, a criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Ela aprende com as relações de vínculos estabelecidos no meio em que vivem através da interação que constrói com outras crianças e com os adultos. Possui uma leitura de mundo fantástica, ou seja, sua capacidade de observação desperta para aprendizagem.

De acordo com o RCNEI (1998), as crianças enxergam o mundo através de recursos como: imitação, o faz-de-conta, a oposição, a linguagem e a apropriação da imagem corporal.

- a) **Imitação:** é resultado da capacidade que a criança tem de observar e aprender com os outros e do desejo de se identificar com eles, ser aceita e de diferenciar-se, ou

seja, como uma reconstrução interna e não meramente uma cópia ou repetição mecânica (RCNEI, 2001, p.21);

- b) **Faz de conta:** brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da autonomia. Quando as crianças brincam, elas interpretam personagens que propiciam o desenvolvimento de capacidades importantes, tais como atenção, imitação, a memória, a imaginação. Elas enriquecem seu repertório, pois experimentam várias outras formas de pensar, de ver o mundo ao desempenhar diversos papéis, são capazes de transformar o mundo (RCNEI, 2001, p.22).
- c) **Oposição:** Opor-se significa, em certo sentido, diferenciar-se do outro, afirmar o seu ponto de vista, os seus desejos. Essas características são importantes na afirmação do eu, faz parte das interações que as crianças constroem (RCNEI, 2001, p.23).
- d) **Linguagem:** o uso que a criança faz da linguagem fornece vários indícios quanto ao processo de diferenciação entre o eu e o outro. A criança é capaz de se referir a si mesmo usando o verbo na terceira pessoa numa perspectiva particular e única. Elas são inseridas na linguagem através da interação que compartilham com outras pessoas outros significados, outras experiências por meio de diferentes culturas (RCNEI, 2001, p.24).
- e) **Apropriação da imagem corporal:** ao explorar o meio a criança aprende sobre o mundo, sobre si mesma e comunica-se pela linguagem corporal através do contato com outras pessoas e das observações feitas por eles mesmos (RCNEI, 1998, p.25).

Concluindo as considerações acima, entendemos que a aprendizagem da criança está relacionada a vários fatores que são importantes no seu desenvolvimento. As crianças observam os adultos, suas ações, seu jeito de falar, a relação que elas possuem com outras pessoas, a forma como resolvem os problemas, como cuidam dos objetos entre outras. Por meio das brincadeiras, elas descobrem o mundo a sua volta de maneira natural e prazerosa. Através das interações, são capazes de se descobrirem afirmando sua autonomia. Nesse processo, o contato com outras crianças favorecem o desenvolvimento da linguagem e a construção do conhecimento apropriando-se da imagem corporal.

Para valorizar esses aspectos na educação infantil, é necessário garantir qualidade e, condições plenas de trabalho. Isso implica em uma relação com as políticas públicas no sentido de ofertar uma educação digna e que respeite as crianças na primeira infância.

1.3 Qualidade na educação infantil

Quando citamos o termo qualidade, percebemos que ele está associado a diversos fatores. Qualidade na educação infantil é ter os direitos das crianças assegurados de todas as formas como: na legislação, na qualificação dos profissionais, no ambiente voltado para o desenvolvimento afetivo e intelectual, nas condições físicas condizentes com o que diz os documentos e parâmetros da educação infantil. Ou seja, é necessário considerar fatores importantes que contribuam para o desenvolvimento integral da criança nessa fase da vida.

Nem todas as instituições conseguiram garantir um lugar convidativo para as crianças e muito menos que ofereçam oportunidades de aprendizagem. Não basta apenas ofertar o atendimento é preciso garantir que o mesmo proporcione o cuidar e educar de forma prazerosa e em um espaço digno.

Zabalza faz considerações importantes sobre qualidade na educação infantil, que se dividem em três dimensões básicas, quatro vetores ou eixos organizacionais e dez aspectos chaves. As dimensões básicas são:

- a) Qualidade vinculada aos valores: atribui-se qualidade àquilo que representa algum dos valores vigentes;
- b) Qualidade vinculada à afetividade: esta perspectiva atribui qualidade a aquele tipo de instituição ou processo que alcança bons resultados;
- c) Qualidade vinculada à satisfação dos participantes no processo e dos usuários do mesmo (ZABALZA, 2007, p.31).

Os vetores ou eixos organizacionais são:

- a) Projeto: sua qualidade está intimamente ligada a ao custo e às condições materiais (tipo de material empregado, custo do equipamento, etc.) e funcionais (pessoal, sistemas de controle, etc.);
- b) Produto ou resultados: esta associada aos resultados finais de um produto, ou seja, Um produto de qualidade não é aquele que parece funcionar bem, mas que logo apresenta defeitos. A qualidade do produto garante a permanência de bons resultados;
- c) Processo ou função: esta fortemente relacionada à fase dos produtos ou aos resultados da qual recebe um constante *feedback*, seja eles de alto nível ou de baixo nível;
- d) Desenvolvimento organizacional: esta função refere-se a intervenções que tenham como finalidade o aperfeiçoamento das condições das próprias instituições e equipes. Pertencem a esse tipo de desenvolvimento os programas de formação pessoal, os planos de transformação institucional, os programas de equipamento, a incorporação de novas tecnologias (ZABALZA, 2007, p.31).

Segundo as ideias, do autor uma escola de qualidade requer organizações que valorizam o programa educativo, os professores, os materiais de trabalho, as condições físicas do local onde é ofertado o atendimento. Tais fatores representam um grande desafio tanto para o poder público como para o privado. É fundamental que haja qualidade num conjunto de ações dentro da escola, principalmente por envolver pessoas de diversas culturas, novos modelos de famílias, etc.

O documento Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil, ressalta que a falta de qualidade na educação infantil está associada à democratização do acesso.

Ou seja, enquanto Zabalza defende a ideia sobre a importância da qualidade na educação infantil, os parâmetros trazem como justificativa para a falta da mesma o crescimento da demanda que aumentou muito no Brasil nas últimas décadas.

Em relação aos dez aspectos chave da qualidade, Zabalza ressalta que não existem verdades absolutas do que realmente é qualidade na educação infantil, mas é importante refletir sobre ela, esse é um dos objetivos. Ele acredita que as discordâncias e concordâncias levam a busca de uma nova resposta, esse movimento aumenta a certeza de que alcançaremos a qualidade em algum momento na educação, que nunca será um trabalho completo e acabado e sempre haverá uma nova reflexão e autores fazendo novas descobertas.

Os dez aspectos que serão citados abaixo não trarão muitas novidades, ou seja, estão presente na mente e na prática da maioria dos professores, mais é importante compartilhar das mesmas ideias, uma vez que nos proporciona segurança no trabalho desenvolvido no cotidiano da instituição. São eles:

- a) **Organização dos espaços:** Educação infantil de qualidade requer espaços amplos, bem estruturados que ofereçam oportunidades de desenvolver atividades diversificadas e significativas que contribuam com o desenvolvimento da criança (ZABALZA, 2007).
- b) **Equilíbrio entre iniciativa infantil e trabalho dirigido no momento de planejar e desenvolver as atividades:** é comum em instituições de educação infantil a criação de momentos e espaços destinados ao longo do dia para que as crianças decidam o que fazer. Nem sempre essas ações promovem autonomia, portanto, o professor precisa adquirir um equilíbrio constante com a iniciativa infantil e a proposta curricular no momento de planejar, pois a pressão do cumprimento do currículo não pode sobrepor à naturalidade da criança (ZABALZA, 2007).

- c) **Atenção privilegiada aos aspectos emocionais:** o aspecto emocional da criança é fundamental no seu desenvolvimento. Quando esses são tratados com atenção a criança se sente aceita, compreendida, livre para vivenciar e realizar novas experiências no seu cotidiano, aprendendo a se conduzir (ZABALZA, 2007).
- d) **Utilização de uma linguagem enriquecida:** A criança deve ser estimulada o tempo todo na sala de aula a usar a linguagem verbal, relatar experiências do seu cotidiano, problematizar situações de convivência, ser instigada a questionamentos nas atividades propostas, ficar por dentro de tudo que acontece na sua rotina e dar contribuições. Essas experiências dependem muito do professor, ou seja, é dele a responsabilidade de proporcionar momentos diferenciados para que a criança possa enriquecer seu o seu repertório linguístico (ZABALZA, 2007).
- e) **Diferenciação de atividades para abordar todas as dimensões do desenvolvimento e todas as capacidades:** considera o crescimento infantil global e interligado, mas não é produzido de maneira homogênea e nem automática. Cada área exige intervenções para equilibrar o processo de desenvolvimento. Requer atividades diferenciadas, ou seja, os aspectos que envolvem as capacidades da linguagem, motoras e outras devem ser bem diversificados e compreendidos através das intervenções, para que haja aprendizagem (ZABALZA, 2007).
- f) **Rotinas estáveis:** As rotinas desempenham um papel muito importante na vida das crianças, pois permite situa-las no tempo. As rotinas atuam como as organizadoras estruturais das experiências cotidianas (ZABALZA, 2007).
- g) **Materiais Diversificados e Polivalentes:** Uma sala de aula deve proporcionar as crianças momentos de aprendizagem e interação, então a escolha dos materiais é fundamental no seu desenvolvimento (ZABALZA, 2007).
- h) **Atenção individualizada a cada criança:** Entende-se que dar atenção individualizada as crianças diariamente é uma tarefa complicada, principalmente em uma sala de 15-20 crianças. Mas por outro lado, o professor necessita organizar tais momentos, como uma forma de reconstruir com ela os procedimentos da ação, de orientar seu trabalho, de desenvolver sua linguagem pessoal e dando-lhe pistas para novas descobertas (ZABALZA, 2007).
- i) **Sistemas de avaliação, anotações e etc., que permitam o acompanhamento global do grupo e de cada uma das crianças:** é necessário saber aonde se quer chegar, ou a qual distancia estamos do desejo, se nossos objetivos foram alcançados. Para tanto é importante que cada profissional tenham a pratica de

planejar, avaliar e analisar os resultados finais tanto no coletivo como o individual de cada criança (ZABALZA, 2007).

- j) **Trabalho com os pais e as mães e com o meio ambiente (escola aberta):** A participação da família na escola é fundamental na construção da qualidade na educação infantil. Essa parceria permite uma troca de conhecimentos, com os novos repertórios oferecidos na escola, proporcionando novas descobertas para trabalhar o entorno da instituição (ZABALZA, 2007).

O Ministério da Educação (MEC), juntamente com outros órgãos responsáveis pela educação no Brasil, também elaborou documentos e parâmetros que buscam refletir sobre a qualidade na educação infantil. São eles:

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, que se apresenta da seguinte maneira:

Esse Referencial pretende apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas identidades, capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos à infância são reconhecidos. Visa também, contribuir para que possa realizar, nas instituições, o objetivo socializador dessa etapa educacional, em ambientes que propiciem o acesso e a ampliação, pelas crianças, dos conhecimentos da realidade social e cultural (RCNEI, 1998, p.6).

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil argumentam que é necessário:

Estabelecer parâmetros de qualidade dos serviços de Educação Infantil, como referência para a supervisão, o controle e a avaliação, e como instrumento para a adoção das medidas de melhoria da qualidade (Brasil, 2006).

No mesmo sentido dos documentos anteriores, os Indicadores de Qualidade na Educação Infantil “presumem a possibilidade de quantificação, servindo, portanto, como instrumento para aferir o nível de aplicabilidade do parâmetro” (Brasil, 2009).

Concluindo, existe um discurso e ideias que ressaltam a importância da qualidade na educação infantil. Contudo a qualidade nas instituições de educação infantil representa um desafio para as políticas públicas. É necessário provocar mudanças e transformar discursos em ações nas práticas educativas.

Um dos grandes problemas que as instituições enfrentam hoje está relacionado a organização dos tempos e espaços que, para Zabalza, é um aspecto importantíssimo na busca da qualidade. Na maioria das instituições, existe uma precariedade na estrutura física, ventilação, falta de recursos materiais e outros.

Aprofundar a importância da organização do tempo e espaço como fator importante e comprometedor na qualidade da educação infantil é o objetivo do próximo capítulo a ser apresentado a seguir.

CAPÍTULO II: ORGANIZAÇÃO DO TEMPO E ESPAÇO COMO INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM

Falar de espaço na educação infantil é um grande desafio, especialmente se considerarmos que muitas instituições não funcionam em sedes próprias e sim em casas alugadas e adaptadas para ofertar o atendimento. Na maioria das vezes o número de crianças não condiz com a quantidade estabelecida na legislação, não há ventilação, faltam mobiliários adequados para crianças pequenas.

Segundo Oliveira (1994), nem todas as instituições de educação infantil possuem objetos disponíveis para as crianças. Os móveis são encostados nas paredes, como justificativa para que a criança não se machuque, ou empilhados em algum canto. As crianças só podem ter contato com os objetos quando autorizados pelo professor. Esta conduta que não contribui para a aprendizagem e nem para a autonomia das crianças pequenas. O modelo tradicionalista centrado na visão do adulto, ou seja, o professor, é quem decide quando e como serão as atividades a serem desenvolvidas e em que ocasiões elas farão uso dos materiais disponíveis. Concebe a criança como incapaz de desenvolver atividades que a tornam independentes. A maioria das atividades é assumida pelo professor. A criança, neste contexto, não é protagonista da sua aprendizagem.

As condições físicas em situações precárias são muitas vezes desculpa para que os profissionais não desenvolvam um trabalho significativo com as crianças pequenas. O espaço físico é um excelente aliado no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Nesse sentido existem outros fatores que podem fazer a diferença e contribuir no planejamento do professor, principalmente em relação à organização do ambiente.

Craidy e Kaercher argumentam que,

Compartilhamos a ideia de que o espaço físico e social é fundamental para o desenvolvimento das crianças, na medida em que ajuda a estruturar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais (CRAIDY E KAECHER 2001, p.73).

Para Forneiro (2007) o tema espaço representa uma novidade na educação infantil, uma vez que o mesmo não era considerado como um proporcionador de várias experiências, como um lugar voltado para se desenvolver atividades diversificadas direcionadas a aprendizagem e construção da autonomia, ou seja, um recurso polivalente.

Ainda segundo o autor o termo “espaço” possui diversas concepções, principalmente para os profissionais das diversas áreas como: os filósofos, economistas, arquitetos, pedagogos, etc. Na sua concepção mais comum, o termo espaço significa “extensão indefinida, meio sem limites que contém todas as extensões finitas. Parte dessa extensão que ocupa cada corpo” (FORNEIRO 2007, p.230).

Zabalza, apoiando-se em Forneiro que cita o professor Enrico Battini da Faculdade de Arquitetura, ressalta que estamos acostumados a considerar o espaço como um volume, ou seja, algo que poderíamos encher. O espaço representa tudo aquilo que pode ser colocado, modificado como uma caixa no sentido abstrato para os adultos. Ele cita o espaço na visão das crianças, como uma visão vitalista.

Para a criança, o espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele. Portanto, o espaço é sombra e escuridão; é grande, enorme ou pelo contrário, pequeno é poder correr ou ter que ficar quieto, é esse lugar onde ela pode ir para olhar, ler, pensar. O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não chegar a tocar; é barulho forte, forte demais ou, pelo contrário, silêncio, são tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma... O espaço, então, começa quando abrimos os olhos pela manhã em cada despertar do sono; desde quando, com a luz retornamos ao espaço (BATTINI APUD FORNEIRO ano, p. 231).

Tudo, na visão das crianças, pode ter um poder mágico e de transformação. Isso exige a sensibilidade do professor em compreender a criança como um ser completo e indissociável.

De acordo com Horn:

É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções [...] nessa dimensão o espaço é entendido como algo conjugado ao ambiente e vice-versa. Todavia é importante esclarecer que essa relação não se constitui de forma linear. Assim sendo, em um mesmo espaço podemos ter ambientes diferentes, pois a semelhança entre eles não significa que sejam iguais. Eles se definem com a relação que as pessoas constroem entre elas e o espaço organizado (HORN, 2004, p.28).

Essas são considerações importantes que fazem a diferença na prática pedagógica do professor de educação infantil. A falta de espaço não pode ser uma justificativa para o professor não trabalhar com qualidade. Assim, existem outros detalhes que são muito importantes que começa desde o posicionamento dos mobiliários até o odor do ambiente.

2.1 O espaço escolar como ambiente de aprendizagem

Segundo Forneiro (apud Zabalza 2007), a organização dos objetos num determinado espaço nos transmite mensagens diretas que são capazes de definir um contexto de vivência naquele lugar.

O autor faz comparações da organização de uma casa com a sala de aula. Ou seja, a forma como organizamos os livros e discos, quadros ou fotografias, os pequenos detalhes pendurados na parede, o tipo de móveis, a decoração, o piso e outros nos diz alguma coisa daquilo que é possível ser realizado ali. Tudo o que está exposto ou a ausência deles nos transmite mensagens que mostram exatamente o modo de viver dessas pessoas, seus valores e crenças. Na sala de aula não é diferente. Através da organização que a professora faz, é possível identificar como se dá a relação da professora com os alunos, sua postura e prática pedagógica, como se dá aprendizagem das crianças e como a professora estimula a construção da autonomia das mesmas.

Embora o espaço e o ambiente estejam intimamente ligados. É preciso distingui-los para o melhor entendimento. Ainda usando as ideias de Forneiro:

O ambiente é o conjunto de espaços físicos e as relações que e estabelecem no mesmo os afetos, as relações interpessoais entre as crianças e adultos, entre crianças e sociedade em seu conjunto (FORNEIRO, 2007, p. 232 e 233).

Horn também traz outra definição importante sobre espaço e ambiente,

O termo espaço se refere aos locais onde as atividades são realizadas, caracterizadas por objetos, móveis, materiais didáticos, decoração. O termo ambiente diz respeito ao conjunto desse espaço físico e as relações que nele se estabelecem, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais do processo, os adultos e as crianças (HORN, 2007, p. 35).

Um ambiente organizado para as crianças é aquele que possui diversos objetos desafiadores, que permitam as crianças a usar a imaginação, as brincadeiras de faz de conta, que facilitem a sua interação com as outras crianças. As interações produzidas no meio escolar são fundamentais no processo de aprendizagem das mesmas.

Para Forneiro (2007), o ambiente escolar pode ser entendido como uma estrutura com quatro dimensões claramente definidas, mas inter-relacionadas. São elas:

- a) **Dimensão Física** (o quê há e como se organiza?): refere-se aos aspectos materiais do ambiente. É o espaço físico, suas condições estruturais, os objetos que compõem o espaço e a forma como estão organizados.
- b) **Dimensão Funcional** (quando e como é utilizada?): Refere-se às diversas funções que o espaço pode proporcionar as diferentes experiências de aprendizagem disponíveis em um mesmo lugar.
- c) **Dimensão Temporal** (como se utiliza e para quê?): refere-se ao tempo destinado para a realização das atividades, em que momentos serão utilizados os espaços, ou seja, os momentos da história, lanche, recreio e outras atividades.
- d) **Dimensão Relacional** (quem e em que circunstâncias?): refere-se às relações construídas na sala de aula, entre crianças/crianças, professor/criança, criança/objetos e outras que um espaço organizado e planejado para o desenvolvimento e construção da autonomia pode proporcionar.

Ainda segundo o autor,

O ambiente somente existe na inter-relação de todas as dimensões.
O ambiente existe na medida em que os elementos que o compõem interagem entre si. Por isso, cada pessoa o percebe de uma maneira diferente (FORNEIRO, 2007, p.235).

O ambiente educa, mas depende da sensibilidade e do olhar atento do professor. Um ambiente pobre em recursos não amplia o repertório das crianças, tão pouco promove aprendizagem. As crianças precisam ser desafiadas para que haja o desenvolvimento cognitivo, a construção da autonomia, a interação, a ação.

Esse desenvolvimento depende da iniciativa do professor, da forma como planeja suas aulas, da importância que dá na organização dos espaço/ambiente e, principalmente, do valor referente à criança, como um ser ativo e em pleno desenvolvimento.

Segundo Horn,

O olhar de um educador atento e sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como as crianças e adultos interagem com eles são reveladores de uma concepção pedagógica. (HORN, 2004, p.15).

É necessário refletir sobre a importância da organização do espaço/ ambiente enquanto facilitador no processo de aprendizagem.

Dependendo da classe social na qual a cada criança pertence, é na escola que a mesma terá o seu primeiro contato com livros, brinquedos, com a diversidade de crianças, que aprenderá a demonstrar sua afetividade, socialização, terá o contato com o meio físico e cultural e outras necessidades de cuidados.

De acordo com as teorias de Wallon (1989) e Vygotsky (1984), o meio exerce uma função importantíssima no desenvolvimento infantil.

Para Wallon apud Horn:

Qualquer ser humano é biologicamente social desde seu nascimento. Por conseguinte, deve adaptar-se ao meio social, no qual todas as trocas produzidas são chave para as demais.

[...] a escola é o lugar mais adequado para que essa atividade se desenvolva além do ambiente familiar, por ser um meio, muitas vezes mais rico, na medida em que é mais diversificado e pode oportunizar as crianças a convivência com outras crianças (WALON APUD HORN 2004, p.16).

Ainda de acordo com as ideias do autor, o grupo social é indispensável à criança, principalmente para o desenvolvimento da tomada de consciência da sua própria personalidade. A mesma depende do olhar sensível do educador, pois é a partir das interações sociais que o sujeito constrói sua personalidade.

Valorizar o que a criança pensa é fundamental no planejamento das atividades, elas são capazes de dar pista nas organizações espaciais e nas escolhas de atividades significativas. O professor não é dono do saber. O conhecimento deve ser compartilhado com as crianças de forma estimulante, criativa, com materiais e objetos diversos que proporcionam interação e aprendizagem. Ou seja, um ambiente desafiador e agradável.

Para Vygotsky, citado por Horn:

O sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo; ao contrário, um sujeito ativo que, em interação com o meio social, constrói e reconstrói o mundo em uma relação dialética (VYGOTSKY APUD HORN, 2004, p.18).

Concluindo, se a criança aprende com o meio social em que esta inserida, não há dúvidas de que a organização do ambiente será fundamental na construção da autonomia e aprendizagem principalmente no espaço escolar.

Segundo Horn,

O espaço na educação infantil não é somente um local de trabalho, um elemento a mais no processo educativo, mas é antes de tudo, um recurso, um instrumento um parceiro do professor na prática educativa (HORN, 2004, p.37).

O portal do Ministério da Educação e Cultura enfatiza que os espaços físicos devem ser amplos e polivalentes, ou seja, atender a diferentes funções nas instituições que possibilitem às crianças a liberdade de correr, brincar, pular, se expressar e trocar experiências. Deve ainda, garantir brinquedos e materiais pedagógicos para espaços internos e externos de acordo com cada faixa etária, dispostos de modo a garantir segurança, autonomia e aprendizagem (PARECER CNE/CNB N° 04/00). A organização do ambiente deve, portanto, proporcionar à criança diferentes experiências de aprendizagens, ser ricas em desafios e conteúdos significativos.

Conforme os estudos realizados por Moura (2009), a organização do ambiente representa um fator essencial na qualidade do processo de aprendizagem na educação infantil podem ser classificados da seguinte forma:

- a) **Estrutura Física:** deverão se propícios ao desenvolvimento e a aprendizagem da criança, devem respeitar características como a limpeza, a higiene, a luminosidade, a ventilação, instalações elétricas seguras, vidraças entre outros aspectos que julguem importantes (MOURA, 2009, p.44).
- b) **Rotina:** A rotina permite a criança situar-se no espaço, pois ainda não possui a noção temporal. Essa organização transmite segurança e favorece a construção de ambientes agradáveis, com previsões do que pode ou não acontecer naquele espaço, naquele tempo conferindo a criança um aprendizado indispensável para o seu desenvolvimento (MOURA, 2009, p.45-46).

Já Barbosa define a rotina da seguinte forma:

A rotina é compreendida como uma categoria pedagógica da educação infantil que opera como a estrutura básica organizadora da vida coletiva diária em um certo tipo de espaço social, creches ou pré-escolas. Fazem parte das rotinas todas as atividades que são recorrentes ou reiterativas na vida cotidiana coletiva, mas, nem por isso precisariam ser repetitivas, isto é, feitas da mesma forma todos os dias (BARBOSA, 2006, p.201).

Forneiro (2007) completa os estudos das autoras acima, afirmando que o tempo das diferentes atividades esta relacionada ao espaço onde cada uma delas está organizada.

- c) **Atividades significativas:** as mesmas devem proporcionar as crianças grandes variedades de experiências individuais e em grupos, com diferentes áreas do conhecimento como: música, linguagem plástica, literatura, jogos simbólicos, faz-de-contas, entre outras que ajudam no aprendizado das crianças (MOURA, 2009, p.46-47).

É função do professor considerar todas as experiências e conhecimentos que as crianças possuem sendo elas sociais, culturais, afetivas e cognitivas, como ponto de partida para sua ação educativa (RCNEI, 2001, p.33).

- d) **Parceria espaço/educador:** para a realização de um trabalho de qualidade que garanta a criança o desenvolvimento e aprendizagem, é preciso que haja uma sintonia entre o professor e o espaço/ambiente. Ou seja, o envolvimento com a organização dos brinquedos, as mesas e cadeiras, exposição dos livros, brinquedos que estimulem a imaginação e etc. (MOURA, 2009, p.48).

Horn, ao analisar a relação do espaço com o educador faz uma crítica referente às organizações encontradas nas salas de aula. Ou seja, a pobreza frequentemente exposta, nos materiais, nas cores, nos aromas povoando diariamente os espaços onde cotidianamente as crianças estão. Em contrapartida isso nos leva a imaginar como poderiam se desenvolver nele, se o mesmo fosse ricos em desafios e bem organizados (HORN, 2004, p.15).

- e) **Favorecimento da Interação:** o espaço é um forte aliado na interação entre as crianças e seus pares, estimula a convivência e promove situações prazerosas e seguras. Sua organização contribui pra a socialização das ideias, pensamento, curiosidades, resolução de problemas deixando a criança mais autônoma (MOURA, 2009, p.48-49).

De acordo com Craidy e Kaercher (2001),

Ao pensarmos no espaço para criança devemos levar em consideração que o ambiente é composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida (CRAIDY E KAERCHER, 2001, p.73).

Sendo assim, o espaço se torna um importante favorecedor na interação deixando as crianças mais instigadas à observação e aprendizagem.

f) **Parceria família/escola:** O diálogo constante entre escola/família é fundamental na vida das crianças, o trabalho se torna mais confiante proporcionando trocas de experiências entre ambas as partes (MOURA, 2009, p.50).

Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação infantil, a valorização da das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais trilharam novos caminhos na educação, fortalecendo a relação escola /família, mesmo com o surgimento dos novos modelos familiares (RCNEI, 2001, p.75-76).

g) **Promoção da Autonomia:** o espaço precisa estar planejado de acordo com que as crianças possam ter liberdade de expressão e realizar atividades que contribuam com a construção da autonomia, independência, iniciativa de bons hábitos. São atividades simples como apagar e acender a luz, manusear as mochilas, lancheiras, cadernos, amarrar os sapatos, comer sozinhas, limpar o que sujou, usar o banheiro e lavar as mãos, tais atividades, possuem um enorme significado no aprendizado para as crianças. Elas se sentem úteis e valorizadas (MOURA, 2009, p.50).

Após tecermos considerações sobre a importância do espaço e do ambiente para o pleno desenvolvimento das crianças, passamos a descrever, no próximo capítulo as características da Instituição e o caminho cursado pela pesquisadora para o desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada.

CAPÍTULO III: PERCURSO METODOLÓGICO

O presente capítulo permitirá aos leitores conhecer a instituição escolhida para a realização do trabalho, os caminhos percorridos pela pesquisadora e a proposta de intervenção.

3.1 Apresentação da Instituição

O local escolhido para a pesquisa foi o Centro Infantil Municipal Vila Cristina CIM, localizado no município de Betim, região metropolitana de Belo Horizonte, localizado à Rua Ponte Nova nº 308, no Bairro Vila Cristina. Esta é considerada uma região estável em relação aos riscos sociais.

O CIM atende crianças de 03 (três) a 05 (cinco) anos de idade. O horário de funcionamento é de 07 as 17 horas, de segunda a sexta-feira. As turmas são divididas por idade, com atendimento parcial (manhã ou tarde) ou integral.

As crianças que frequentam o CIM são provenientes dos seguintes bairros: Laranjeiras, Parque das Acácias, São Caetano, Industrial São Luiz, Recreio dos Caiçaras, Jardim Alterosa, Jardim Perla, Duque de Caxias, Petrolândia, Conjunto Celso Pedrosa, Vila Universal, Vila Inconfidentes, São Miguel, São Cristovão, São Pedro, Amarante e Vila Cristina.

Em função da estrutura física da instituição, não é possível atender toda a demanda da comunidade, que aumentou muito nos últimos anos. O CIM funciona em casa adaptada dividida em dois pavimentos. No primeiro deles, há uma sala afastada (onde funcionava um bar), quatro salas, refeitório, uma cozinha, dispensa um banheiro social, três banheiros pequeno adaptados para atender as crianças. O segundo pavimento está dividido entre quatro salas, dois banheiros adaptados e um espaço onde as crianças brincam e outro onde se encontra o armário onde são guardados os materiais pedagógicos e brinquedos. Nas salas do primeiro pavimento são atendidas 03 turmas de pré-escola 1 (com 18 crianças cada sala) e 02 turmas de creche III, sendo 01 integral - 22 crianças e 01parcial- 16 crianças. Nas salas do segundo pavimento são atendidas 03 turmas de pré-escola 2 variando o número de crianças nas salas. Há duas salas com 20 crianças e 01 sala com 25 crianças e também o espaço onde todas as crianças brincam. Essa mesma organização é para os dois turnos (manhã e tarde).

O trabalho desenvolvido no CIM leva em consideração o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Proposta Curricular da Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação do Município de Betim.

Para o atendimento das crianças, os professores contam com diversos recursos didático-pedagógicos: Material de estudo, livros de literatura infantil, jogos e brinquedos apropriados para as idades das crianças atendidas, televisores, aparelhos de DVD, som, computadores, impressoras, copiadoras, mimeógrafos, fax, aparelhos telefônicos e outros.

A rotina das crianças é feita de acordo com o espaço físico da instituição (interno e externo) e os recursos humanos e materiais disponíveis. O horário é organizado de forma a contemplar áreas de conhecimentos previstos no Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, diferentes momentos, situações e necessidades essenciais ao desenvolvimento das crianças, tais como: Matemática, Linguagem oral e escrita, Natureza e Sociedade, Movimento.

Quanto ao registro das avaliações, utiliza-se nos CIM o RDC (Registro de desenvolvimento da criança) sugerido pela SEMED/Betim. Esse documento tem o objetivo de observar, verificar avanços e limitações da criança e deverá ser preenchido por idade, ao longo do ano letivo. Outros instrumentos de avaliação também são adotados para acompanhar o processo de aprendizagem como: portfólio, relatórios, fotografias, desenhos, álbuns, etc.

3.2 Tipo de Pesquisa

Temos como objetivo entender e compreender como a organização do tempo e espaço influencia no processo de ensino aprendizagem das crianças do CIM Vila Cristina na visão das professoras. O que as professoras pensam sobre essa organização? A organização compromete ou não a qualidade do trabalho desenvolvido com as crianças? Essas foram as perguntas que deram origem à presente pesquisa.

A mesma possui uma abordagem qualitativa, pois é predominantemente descritiva. Os dados coletados são mais uma forma de palavras do que números, geralmente são baseados em entrevistas transcritas, depoimentos, fotografias ou outras formas de documentos.

Na definição de André:

A abordagem qualitativa realiza-se a apresentação do significado pela interpretação dos fenômenos observados. Nesse processo, o pesquisador é o principal instrumento de coleta de dados, visando à descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade. O estudo qualitativo tem as seguintes características: Desenvolve-se numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível, focaliza a realidade de forma complexa e contextualizado historicamente. (ANDRÉ, 2006, p.32).

O trabalho se consistiu na elaboração de um questionário que nortearam a entrevista com as professoras. Estes dados foram construídos buscando analisar a visão das professoras sobre a organização do tempo e espaço como fator de qualidade no processo de ensino e aprendizagem das crianças do CIM Vila Cristina.

Esta análise foi explorada de forma espontânea no decorrer das entrevistas. Na visão de Oliveira (2007, p.86), “a entrevista é um excelente instrumento de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador (a) e entrevistado (a) e a obtenção de descrições detalhadas sobre o que se está pesquisando”.

A entrevista, segundo Minayo,

É a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo, pois possibilita obter informações expressas e contidas nas falas dos participantes. Ela diferencia-se de uma conversa despreziosa e neutra por ter a intenção de obter fatos relatos sobre determinado termo. Nesse sentido, estes se constituem sujeitos-objeto da pesquisa e expressam suas percepções sobre uma determinada realidade que está sendo focalizada. (MINAYO, 2002, p.57).

3.3 Proposta de Intervenção

Inicialmente, a pesquisadora tinha como proposta de intervenção observar a forma como as professoras organizavam o ambiente na sala de aula e transforma-la em uma sala de atividades, deixando-a mais desafiadora e prazerosa. Assim, seria possível mostrar como essa organização influenciava a aprendizagem das crianças. Contudo, a proposta de provocar mudanças no ambiente não foi bem aceita pelas professoras.

Muitas foram as dificuldades: a inexperiência da pesquisadora na função de coordenadora pedagógica do CIM, os momentos tensos na direção, que não era aceita pela comunidade escolar, e as visões tradicionalistas dos professores que representaram um grande obstáculo na pesquisa. Enfim, a falta de motivação prevaleceu.

Mas, após observação e o início das entrevistas foi possível entender melhor as angústias das professoras que, antes mesmo da Municipalização do CIM Vila Cristina, já almejavam um lugar espaçoso e com condições melhores de trabalho.

Durante as entrevistas falas importantes foram surgindo, principalmente sobre as condições físicas da instituição e que são bem comprometedoras em relação à garantia da qualidade no processo de ensino aprendizagem das crianças.

Transformar o espaço da sala de aula em um ambiente agradável, desafiador, já não fazia parte da proposta da pesquisadora. No entanto, a pesquisadora passou a ter um olhar mais crítico em relação ao trabalho oferecido ali, às condições em que as crianças estão sendo atendidas, e passou também a dar mais atenção à insatisfação das professoras.

A comunidade escolar do CIM lutava para que a Secretaria Municipal de Educação fizesse uma consulta popular para a escolha de uma nova diretora, já que a mesma não agradava a maior parte dos pais e funcionários. Mesmo sem a confirmação da consulta popular, supostas chapas iam surgindo.

Assim que tivemos a confirmação de que a consulta realmente aconteceria, foram elaboradas novas propostas de trabalho, que seriam entregues para a suposta diretora. Nesse momento era importante mostrar para as professoras que essa pesquisa não solucionaria o problema da instituição, mas poderia trazer novas esperanças da busca por melhores condições de trabalho. As novas propostas foram:

- Diminuir o número de crianças em todas as turmas;
- Acabar com o atendimento integral da turma de creche III, uma vez que não tínhamos estruturas para realiza-lo. A sala tinha pouca ventilação, paredes úmidas e mofadas devido à infiltração em épocas de chuva.

Para garantir essas mudanças futuras contamos com o apoio do Conselho Escolar e a Assessora Pedagógica representante da Secretaria Municipal de Educação.

Falar dessa realidade nos traz reflexões que, às vezes, ficam esquecidas em meio tantos problemas. Muitos Centros Infantis do Município de Betim passam por situações até piores que a do CIM VILA CRISTINA, infelizmente esta é uma dificuldade que a Rede de Educação Infantil vivencia e o poder público nada faz.

Contudo, foi possível realizar as mudanças citadas na segunda proposta de intervenção. Não era a mesma planejada inicialmente, mas foi muito importante, pois através de uma pesquisa descobri que vários fatores podem dificultar a aprendizagem das crianças, hoje como coordenadora pedagógica tenho um olhar mais sensível em relação à qualidade na

educação infantil. É fundamental chegar à conclusão de que algo foi feito e muitas coisas ainda precisam ser realizadas e avaliadas.

3.4 Entrevista

Para a realização da pesquisa, foi elaborado um roteiro para a realização das entrevistas com 06 questões abertas. Foram entrevistadas 03 (três) professoras, sendo 02 duas delas, habilitadas em magistério e 01 (uma) habilitada em Pedagogia. Em relação à faixa etária, as professoras têm entre 25 e 36 anos. Como forma de preservar a identidade das professoras entrevistadas, foram adotados nomes diferentes. As informações sobre as professoras estão resumidas no quadro abaixo.

Professora Aline: 32 anos, habilitada em Magistério, com 10 anos de experiência em educação infantil.

Professora Beatriz: 36 anos, habilitada em Magistério, com 21 anos de experiência em educação infantil.

Professora Carla: 25 anos, licenciada em Pedagogia, com 03 anos de experiência em educação infantil.

A entrevista aconteceu individualmente, realizada em quinze dias não consecutivos. Isso ocorreu em função da falta de espaço de falta de espaço e tempo, pois as professoras trabalham na instituição oito horas diárias com uma hora de estudo por dia, além disso cada professora tem horários diferenciados reservados no computador. Esses fatores dificultaram um pouco o andamento da pesquisa. As respostas foram anotadas no caderno, e em determinados momentos, digitadas no notebook.

3.5 Roteiro da entrevista

A seguir, apresentarei, o roteiro de questões que tiveram o objetivo de compreender a visão das professoras em relação à organização do tempo e espaço como influência na qualidade da aprendizagem das crianças.

A entrevista foi organizada da seguinte forma:

- Identificação das professoras/Formação;
- Descrição da sala de aula;
- Descrição da estrutura física da Instituição;
- Descrição da organização da rotina;
- Explicações das percepções acerca do ambiente como facilitador de aprendizagem;
- Representação do espaço para as professoras;

3.6 Conversas Informais

Em conversas informais, as professoras revelaram uma postura dissociada em relação ao cuidar e educar, além de reforçarem uma prática voltada para o ensino fundamental. Nesses casos as experiências de muitas professoras também não contribuíram para a efetivação de uma educação infantil de qualidade. Algumas delas defendiam a ideia de que pequenos detalhes como dar banho, ensinar e motivar a alimentação saudável, ensinar a escovar os dentes, a cuidar do próprio corpo, amarrar os sapatos, se vestir não é papel da educação infantil. Segundo as professoras, elas não estavam ali para exercer essas funções. Acreditavam que a alfabetização aconteceria independentemente desses fatores.

Essas falas mostram que a alfabetização está ligada a metodologias tradicionais em que as crianças só aprendem com a intervenção do adulto. São incapazes de construir e aprender fora do convívio escolar, não considera a cultura que elas trazem de suas casas ou outros ambientes que não sejam escolares.

CAPÍTULO IV: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A sala de aula:

Ao analisar as falas das professoras em relação à descrição das salas de aulas, pude perceber uma angústia muito grande em relação à ventilação, poluição visual, sonora e o espaço. Todos esses fatores comprometem a qualidade no processo de aprendizagem das crianças. Apresento algumas fotos dos espaços da instituição pesquisada e, a seguir, apresento e analiso algumas falas das professoras.



Figura 1: Foto do espaço mágico



Figura 2: Foto da sala de pré-escola



Figura 3: Foto da sala de creche III integral

Professora Aline: *“minha sala é o que você está vendo, não gosto de nada de E.V.A nas paredes, nada de poluição visual, tenho um espaço para expor os trabalhos das crianças, meu alfabeto é de fantoche, é uma sala razoável no tamanho mais não tem ventilação”*.

A professora Aline traz considerações importantes sobre poluição visual. Percebe-se que ela tem uma concepção que valoriza as produções das crianças. Aline não gosta de trabalhos de E.V.A que, na maioria das vezes, representam uma valorização dos desenhos estereotipados que tomam conta das organizações das instituições.

De acordo com as ideias de Horn, a sala de atividades deve proporcionar a crianças desafios, um lugar acolhedor, prazeroso, rico em materiais que desenvolvam a aprendizagem e construção da autonomia. Horn ressalta que, organizar o espaço criando cantinhos de leitura, de matemática, brinquedos entre outros, podem facilitar o trabalho pedagógico da instituição. A forma como as professoras organizam o espaço e selecionam os materiais, as atividades revelam sua prática pedagógica.

Professora Beatriz: *“Minha sala pra mim é a pior da escola, fica muito próxima ao Espaço Mágico, isso me incomoda às vezes, o movimento aqui é intenso deixando as crianças agitadas querem sair o tempo todo. Não é ventilada, é pequena”.*

Uma das professoras, Beatriz, destaca o movimento constante na sala de aula que dá acesso ao espaço reservado para brincadeiras que, segundo ela, deixa as crianças agitadas e curiosas para participar das atividades que acontecem do lado de fora com outras crianças e professores. A utilização desse espaço faz parte da organização da instituição. Todos os dias as quatro turmas passam por ali, sendo duas turmas de manhã e duas turmas à tarde. Cada turma permanece nele uma hora, pois esse tempo é destinado de acordo com a rotina alimentar, escovação e planejamento das professoras. Quando as professoras vão fazer uma atividade diferenciada, ensaiar para alguma apresentação também é utilizado o espaço mágico. Apesar de ser um lugar aberto também é muito quente e em épocas de chuva o uso é limitado, pois na maioria das vezes fica molhado. Beatriz com sua fala, denuncia a falta de estrutura da instituição, com espaços pouco adequados ao cotidiano com as crianças.

Professora Carla: *“Essa é minha sala, não é muito espaçosa, nesse tempo de calor agente quase não aguenta, tenho um ventilador mais a sala tá muito cheia, ficamos todos apertadinhos. No final da aula sobe aquele calor que ninguém aguenta, não é nem um pouco ventilada”.*

Já a professora Carla menciona a falta de ventilação como fator comprometedor, principalmente no verão. Ressalta a quantidade excessiva de crianças que também dificulta o desenvolvimento do trabalho pedagógico. As crianças ficam desconfortáveis e nessa fase da vida elas têm a necessidade de deslocamento constante, de verbalizar, participar das atividades propostas e criar novas experiências.

De acordo com os documentos que resguardam a organização dos espaços na educação infantil o espaço deve ser amplo e desafiador, os ambientes devem proporcionar conforto, salubridade para evitar que as crianças fiquem gripadas com frequência, principalmente aquelas que já possuem um histórico de alergias. Ou seja, assim como Beatriz, Carla também denuncia as condições pouco adequadas do espaço físico institucional.

A estrutura física da escola:

Em relação à estrutura das salas de aula foram destacados os seguintes pontos, na visão das educadoras entrevistadas.

Professora Aline: *“Aqui não dá para trabalhar, precisamos de uma construção urgente, já ficou difícil até pra reformar, a escola não comporta a demanda, estamos junto com os pais aguardando uma posição da prefeitura, mas por enquanto nada”.*

Ao relatar sobre a estrutura física da instituição, a professora Aline explicita a dificuldade de desenvolver um trabalho pedagógico de qualidade em uma casa adaptada, pois a mesma não atende padrões de qualidade exigidos nos documentos oficiais, e mesmo assim, oferta o atendimento. Aline nos fala da importância de um ambiente planejado para atender crianças pequenas.

Autores como Barbosa, Horn e Zabalza dizem que a organização do ambiente pode fazer a diferença em relação a esses fatores estruturais. Seriam os arranjos que os professores podem adotar como procedimentos para não prejudicar o desenvolvimento das crianças. Um simples detalhe na posição das mesas e cadeiras, a exposição de livros ao alcance das crianças, brinquedos instigantes, entre outros materiais. A importância de planejar com as crianças também contribuem para uma nova reflexão do professor, pois as crianças são observadoras e é preciso ouvi-las.

Trabalhar em uma estrutura planejada para o atendimento a educação infantil é realmente fundamental, mas nada adianta se não existir uma postura reflexiva do professor em

relação a sua concepção de educação infantil. Os profissionais precisam estar preparados e atualizados para exercer as funções de cuidar e educar, que muitas vezes aparecem nas falas das professoras de forma dissociada. Portanto, é necessário investir em formação continuada e a união da escola e família na luta por qualidade na educação infantil.

Professora Beatriz: *“aqui é uma casa adaptada, tantos os espaços internos como os externos são pequenos, mas o banheiro e o bebedor estão de acordo com o tamanho das crianças”.*

A professora Beatriz tem consciência de que mesmo com a falta de espaços internos e externos, os banheiros e bebedores atendem as necessidades das crianças, ou seja, estão de acordo com as exigências contidas nos parâmetros e referências da educação infantil.

De acordo com as orientações contidas nos Parâmetros Básicos de Infraestrutura para a Educação Infantil, os banheiros devem proporcionar as crianças livre acesso, autonomia e materiais ao alcance das crianças de preferência próximo ou conjugados as salas de aula. Devem permitir boa ventilação e iluminação própria o que é atendido adequadamente nessa instituição.

Professora Carla: *“Falar da estrutura física da escola, é um pouco complicado, não foi planejada para atender crianças, tem escada, todas as salas são pequenas e possuem pouca ventilação, não tem um espaço grande para as crianças, correrem e pularem e não temos como montar um parquinho e nem horta com eles”.*

Analisando a fala da professora Carla, o espaço limita a interação das crianças, as brincadeiras, o desenvolvimento da psicomotricidade, o contato das crianças com o meio ambiente, com a exploração da terra, dos alimentos e outros seres vivos importantes para as crianças pequenas.

Na educação infantil é importante que as crianças explorem seus horizontes realizando atividades que permitam o seu desenvolvimento motor. São importantes materiais e atividades que permitam as crianças pularem, correrem, saltarem, dançarem, engatinharem. Essas atividades podem ser realizadas com muito ou pouco espaço depende do planejamento do professor. As brincadeiras antigas, por exemplo, são aliadas nesse desenvolvimento, objetos como corda também fazem a diferença. Explorar materiais oferecidos pela natureza como

areia, pedras, argila também contribuem para o conhecimento cultural da criança que devem ser percebidos pelo professor.

Na concepção de Moura:

As salas de aula, por exemplo, precisam ser amplas, ventiladas, iluminadas, tranquilas e divididas em áreas minimamente isoladas. O banheiro precisa ser anexo à sala de aula e deve estar equipado com, vasos, cestos e lixos e pia na altura das crianças. Os materiais, equipamentos e mobiliários precisam ser escolhidos pensando na possibilidade de um ambiente flexível, que permita transformações de acordo com os objetivos e necessidade das crianças e professores. [...] Os materiais devem ser apresentados em áreas de atividades próprias. Por exemplo, giz de cera e lápis de cor na área de atividades; livros, na área de leitura. Devendo ser tudo de fácil acesso as crianças, estando os materiais dispostos em recipientes de manejo apropriados a elas (MOURA, 2009, p.44).

Considerando a estrutura física da instituição, todas as professoras relataram as dificuldades encontradas em desenvolver um trabalho de qualidade em uma casa adaptada. Ao fazer uma planta para a construção de uma casa, o proprietário se preocupa com a posição dos quartos de dormir, com a sala de estar, a cozinha, banheiro social, suíte, sala de visitas, de TV, e outras. Em momento algum, a possibilidade das necessidades de um ambiente escolar são consideradas. Esses aspectos justificam a dificuldade encontrada pelas professoras, mas, como discutimos em capítulos anteriores, essa não pode ser uma desculpa para não planejar e tentar explorar os espaços que a instituição possui.

De acordo com as citações acima de Moura, o ambiente escolar exige organizações espaciais com características específicas para as crianças na educação infantil.

A organização da rotina e a construção de um ambiente de aprendizagem:

O planejamento da rotina diária e a construção de um ambiente de aprendizagem permitem que as crianças se situem no tempo e assimilem os seus conhecimentos. O professor, em colaboração com os colegas e com a coordenação, é o adulto responsável pelo planejamento e cumprimento do mesmo.

A seguir, apresento a visão das professoras entrevistadas sobre este tópico:

Professora Aline: *“Fazemos uma roda de conversa todos os dias, gosto muito de ouvir as crianças, essa conversa acontece de acordo com a organização do dia, vou instigando-as falar, sempre estou com um microfone de brinquedo ou uma peruca, as crianças adoram. Nesse momento discutimos as atividades que serão realizadas ao longo do dia”.*

Por meio do relato da professora Aline, há uma preocupação em provocar a linguagem oral das crianças, o que é muito importante na educação infantil. Muitas vezes na rodinha as crianças sentem uma impaciência em ouvir os outros coleguinhas e cabe à professora trabalhar essa impaciência na sala de aula. Ouvir e falar são características fundamentais para o desenvolvimento das crianças. Aline parece criar momentos descontraídos durante a rodinha, usando objetos que chamam a atenção das crianças.

Segundo Zabalza, a organização da rotina esta entre os dez aspectos chave para uma educação infantil de qualidade como fator importantíssimo para o desenvolvimento das crianças. Esse autor destaca que a forma como as crianças são recebidas pela professora ao chegarem a escola, a leitura, o planejamento daquele dia é muito importante para o desenvolvimento das crianças. Nesse planejamento é fundamental criar momentos para realizar atividades individuais, atividades em grupo, tempo para a organização do ambiente, o horário de almoço, recreio, escovação, tempo de roda para avaliação do dia, por exemplo, essas situações foram pouco citadas por todas as professoras ao descreverem sua rotina.

Professora Beatriz: *Todos os dias, chegamos e fazemos a rodinha, nós cantamos músicas, fazemos a leitura do calendário, escolhemos o ajudante do dia e depois na rodinha explico para as crianças a nossa rotina daquele dia e a escrevo no quadro.*

Entrevistadora: *E dá pra fazer a rodinha na sala de aula?*

Professora Beatriz: *Sim, afasto a mesa um pouco e dá. Esse ano, também estou com a quantidade menor de crianças devido o meu problema com a voz.*

A professora Beatriz faz uso de outros meios para trabalhar a rodinha. A música é um forte aliado para as crianças que adoram. O calendário permite que as crianças se situem no tempo, o ajudante do dia faz com que as crianças sejam participativas se responsabilizando das tarefas daquele dia em constante contato com todas as outras crianças. Relata também para a realização da rodinha é necessário deslocar as mesas e cadeiras embora esteja com um número menor de crianças.

De acordo com o RCNEI, a organização da rotina é um instrumento que traz uma dinâmica para facilitar o trabalho do professor e o processo de compreensão das crianças e

suas ações. As atividades contidas na organização da rotina devem contemplar o desenvolvimento das crianças em relação aos seus hábitos de higiene, alimentação, o tempo e o espaço e sua aprendizagem.

Professora Carla: *“Olha ultimamente não estamos fazendo rodinha, converso com as crianças, mas elas ficam nas mesinhas. Toda vez que vamos fazer rodinha temos que desmontar a sala toda e isso as deixam muito agitadas. Começamos pela oração, depois uma música, e em seguida repasso as atividades do dia. Nos espaços externos as crianças vão uma vez por semana, para a realização de brincadeiras livres e o refeitório onde eles fazem as refeições.*

Entrevistadora: *As crianças tem recreio?*

Professora Carla: *“Não. O refeitório é muito pequeno e no espaço mágico que é o único que tem para brincar está sempre ocupado por outras turmas”.*

Professora Carla: *“Na sala temos o abecedário, números, ajudante do dia e aniversariante”.*

Entrevistadora: *E os momentos de leitura?*

Professora Carla: *“Quando vamos para o espaço mágico pego alguns livros e deixo a escolha das crianças, mais estou sempre levando um diferente para contar histórias na sala de aula”.*

Já a professora Carla descarta a possibilidade de fazer a rodinha na sala, coloca os obstáculos enfrentados pelos espaços físicos como impasse que dificulta o trabalho. Revela uma postura focada no professor, ou seja, ela dá as ordens e as tarefas para que as crianças executem. Existe uma falta de planejamento das atividades de leitura, brincadeiras livres e direcionadas, e outras organizações que proporcionam aprendizagem. As crianças fazem pouco uso dos espaços que a instituição possui.

No refeitório, por exemplo, as crianças fazem todas as refeições da seguinte forma: na chegada é oferecido o café da manhã/tarde para oito turmas (inicialmente a cada três turmas tem quinze minutos para fazê-lo), pois o espaço não cabe muitas crianças. Uma hora e meia depois começa a rotina do almoço/janta, no mesmo ritmo (três turmas de cada vez). Essa rotina ocupa quase todo o tempo no refeitório. Esse mesmo espaço é utilizado na maioria das vezes pelas crianças da creche III. Quando há a possibilidade de reunir todas as crianças para assistirem alguma apresentação diferente temos que deslocar as mesas e os bancos para que o

mesmo possa ser utilizado. Esse tempo também é limitado, pois logo em seguida começa a rotina da alimentação.

No espaço mágico, lugar reservado para as brincadeiras, apesar do pouco tempo que as crianças têm para brincar, poucos professores direcionam as brincadeiras, elas ficam mais livres como justificativa de que elas são limitadas o tempo todo. Não há um momento reservado para recreio na rotina institucional.

Forneiro ressalta que o recreio é muito importante para as crianças da educação infantil, as crianças precisam de espaços abertos para se movimentar com liberdade, sem limites, criarem novas oportunidades de aprendizagem através das atividades e brincadeiras realizadas no pátio.

Professora Aline: *“Já passou da hora de termos uma biblioteca, brinquedoteca para que os mesmos possam ficar a disposição das crianças”.*

A professora Aline fala da importância de termos na instituição espaços reservados para biblioteca, brinquedoteca, o que realmente faz muita falta. Mas existem instituições que possuem essas organizações e são pouco utilizadas pelas crianças. O medo de estragar, o excesso de cuidados do professor inibe a manipulação das crianças pelos os objetos.

Para Horn, a organização através dos cantos tem um significado satisfatório na organização da sala de atividades, é possível organizar cantinhos de leituras utilizando rótulos, livros, jornais, revistas; cantinhos de matemática com objetos recicláveis de diferentes formas, tamanhos, cores, cantinho do faz- de -contas, casinha de bonecas e outros.

Professora Beatriz: *“Gosto muito dos cantinhos, embora a sala seja pequena tem o cantinho da matemática e dos rótulos. O ambiente é limpo e organizado, mas em épocas de chuva a escola fica toda úmida, isso faz muito mal tanto pra gente como para as crianças”.*

Para a professora Beatriz trabalhar com cantinhos é significativo, o ambiente limpo e organizado é importante para as crianças. Ela relata as dificuldades enfrentadas no período de chuva, pois a escola fica úmida, isso não é positivo para o sistema respiratório, pois o ar não circula.

Ao observar as ações e as conversas informais das professoras em relação à rotina e organização do ambiente, percebe-se uma falta de planejamento muito grande por parte das

professoras. Quanto maior a experiência da professora fica mais visível à falta do planejamento.

No CIM há duas coordenadoras pedagógicas, a pesquisadora é uma delas. A mesma ficou incomodada com algumas posturas e totalmente perdida em relação ao que fazer. A falta de experiência das coordenadoras e a resistência das professoras são pontos negativos que desconstruem toda uma concepção de educação infantil.

Independente dos motivos que levam essa prática uma instituição de educação infantil tem que cumprir de maneira única as funções do cuidar e educar, que mostra na fala das professoras uma separação, sendo que ambas fazem parte do processo de aprendizagem. Não é possível qualidade na educação infantil se essas funções não caminharem juntas.

Segundo Forneiro o ambiente é um educador, mas só será se estiver organizado para educar. Essa organização depende da sensibilidade e do olhar atento de cada professor. O ambiente precisa cultivar nas crianças a fantasia, a manipulação de diferentes gêneros textuais, o convite à leitura através de livros, fantoches de forma aconchegante e confortável, utilizando tapetes, almofadas coloridas e outros objetos.

Representação do espaço

A seguir, apresento fotos dos espaços institucionais.



Figura 4: Foto dos banheiros/armários



Figura 5: Foto do refeitório



Figura 6: Foto dos corredores das salas



Figura 7: Foto da escada

Professora Aline: *“O espaço pra mim é tudo, de preferência grande onde os materiais pedagógicos que ficam guardados no armário, possam ficar expostos, os livros pra as crianças manusearem, para que as mesmas iniciem seu processo de alfabetização”.*

Professora Beatriz: *“É a descrição de um bom lugar, onde as salas são ventiladas, onde as crianças possam desenvolver sua psicomotricidade, sem barulho de refeitório ou das crianças brincando no espaço mágico e uma quadra enorme para os meninos jogar bola, mas são problemas que só resolvem se constroem uma escola de verdade”.*

Professora Carla: *“Espaço pra mim é importante, espaço limitado como o daqui dificulta muito a aprendizagem das crianças. Com certeza se fosse melhor nossas aulas seriam mais prazerosas. Aqui os professores fingem que ensinam e as crianças fingem que aprendem”.*

Ao analisar as falas das professoras em relação à representação do espaço, percebemos que todas enfatizam que “o espaço deve ser amplo, aconchegante, ventilado, limpo, que ofereça as crianças novos horizontes de aprendizagem significativa, sem limites para que elas tenham prazer em estar ali”. As professoras afirmam a importância da exposição dos materiais como livros, brinquedos e outros ao alcance das crianças.

Nas salas de aula, os espaços físicos realmente são comprometedores, mas a organização do ambiente pode proporcionar momentos em que materiais ficam expostos para as crianças. É importante que a teoria seja parceira na prática pedagógica de cada professor.

Percebe-se uma preocupação com a alfabetização das crianças pequenas. Criar um ambiente alfabetizador e prazeroso exige do professor conhecimentos e práticas alternativas e flexíveis.

Estudos revelam como as crianças podem interagir e aprender com os colegas e com os desafios encontrados por eles nas salas de aula. O uso que as professoras fazem do espaço na instituição é muito pouco, as atividades prontas ganham espaço no seu planejamento. Mesmo que haja um controle e reflexão sobre a didática na educação infantil, orientações para que os poucos espaços sejam utilizados, na prática não acontece. A rampa da instituição, por exemplo, é um bom lugar para ouvir ou contar uma história, alguns minutos de recreio, brincadeiras mais simples interagindo com outra turma, todas essas organizações podem flexibilizar a dinâmica dos professores.

O rodízio acontece entre o espaço mágico, o vídeo que circula por todas as salas com o data show e mais três televisores. E, com isso, as crianças acabam permanecendo a maior parte dentro das salas de aula.

Os professores também enfrentam muitas dificuldades para realizar os horários reservados para estudo, por falta de espaço e materiais pedagógicos que não atendam todo o coletivo. Não temos um espaço digno e discreto para acolher e conversar discretamente com os pais, nós os atendemos no corredor próximo ao refeitório, pois a secretaria é muito pequena.

Todos os materiais ficam guardados dentro de um armário fechado no espaço mágico, como podemos observar nas figuras a seguir. Nesse sentido, a visão que as crianças possuem deles é restrita, elas não manuseiam esses materiais com frequência. Para que os mesmos sejam utilizados, as coordenadoras têm que estar presentes.



Figura 8: Foto dos livros



Figura 9: Foto dos fantoches



Figura 10: Foto dos brinquedos de montar



Figura 11: Foto de brinquedos diversos



Figura 12: Foto dos blocos lógicos

Para Horn, a organização dos espaços em áreas e campos temáticos possibilita as crianças momentos de interação, trocas de experiências coletivas e individuais apoiando a construção da autonomia. Forneiro argumenta que as relações influenciam a organização dos espaços, sejam elas ambientais, humanas ou estruturais.

A aprendizagem das crianças deve acontecer, mesmo que existam fatores comprometedores em relação ao espaço, elas apresentam características únicas que as tornam capazes de se desenvolverem com experiências positivas e negativas.

Qualidade e atenção todas as crianças precisam, é por esses e outros motivos que escola e comunidade buscam melhorias na educação infantil do CIM. Uma instituição digna é aquela que oferece condições boas de trabalho, qualificação dos profissionais nela inserida, valorização e respeito aos direitos sociais das crianças.

CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS



Figura 13: Foto da caminhada pela construção do CIM Vila Cristina

Para compreendermos os dados obtidos com a pesquisa, é importante valorizar a história do CIM Vila Cristina. O CIM teve seu início com a ajuda dos próprios moradores da região que, na necessidade de um lugar para deixar seus filhos para trabalharem, se mobilizaram e, com o apoio de vereadores e outras pessoas influentes na política, alugaram uma casa para que as crianças pudessem ficar. As famílias pagavam uma mensalidade num valor baixo e a alimentação, funcionários dependiam de doações. Muitos voluntários trabalhavam ali, mas não eram habilitados. Com o passar do tempo, a procura foi aumentando e, aos poucos, o governo ia assumindo as responsabilidades com a instituição e tomando medidas para a legalização.

Desde então, a comunidade escolar do CIM se organiza na esperança de construir uma escola de qualidade para deixar suas crianças, algumas gerações se foram, mas a busca vai passando para as próximas que vão frequentando a instituição. Hoje, muitas coisas foram feitas, mas o objetivo maior que é a construção de um espaço preparado para receber as crianças pequenas é ainda um grande desafio.

De acordo com os dados obtidos com a pesquisa em relação às falas das professoras, existe uma angústia muito grande em relação à organização que a estrutura física permite. As crianças possuem poucas oportunidades de serem crianças, de brincar, trocar experiências e aprender umas com as outras, e principalmente, percebeu-se que a insatisfação tomou conta dos profissionais que ali atuam.

Autores como Zabalza, Horn, Forneiro e outros defendem a organização dos espaços/ambiente, mas de uma forma bem diferente da realidade do CIM. Ressaltam também a importância do papel do professor nessa mediação, fator que tem deixado a desejar na instituição. Não só os autores citados, mas também documentos oficiais que resguardam a educação infantil dão suas contribuições em relação ao espaço na educação infantil, que devem ser amplos, ventilados e promovedor de aprendizagem, garantindo as funções do cuidar e educar.

O objetivo da pesquisa inicialmente era provocar no professor uma reflexão de que a forma como ele planejaria as atividades, as organizações das salas poderiam fazer a diferença no seu trabalho. Mas, a resistência e a postura do trabalho centrado no professor dificultaram o processo. Uma nova proposta de intervenção foi realizada para que as novas problematizações que foram surgindo fossem respondidas.

Concluindo, ao finalizar a pesquisa percebe-se que as professoras tem consciência de que a organização do espaço pode ser uma ferramenta importante no desenvolvimento do seu trabalho. Mas, a estrutura física é um fator que compromete a qualidade no processo de aprendizagem das crianças. Além disso, a prática pedagógica de cada professora ainda precisa ser avaliada. Não podemos afirmar que o trabalho realizado com as crianças é de qualidade, enquanto essas questões não forem sanadas. Como coordenadora, vejo um grande desafio pela frente, principalmente em mostrar para as professoras que a qualidade na educação infantil é um problema ao nível nacional, não só regional, mas o professor tem que cumprir com seus deveres independente do lugar que estiver. Atualizar nossos conhecimentos faz parte das nossas vidas enquanto mediadores do conhecimento. Esse trabalho não termina por aqui, mesmo quando não for mais coordenadora, serei uma professora com um olhar transformador e sensível à aprendizagem das crianças para quem eu lecionar.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza D.A. **Ensinar a pesquisar... Como e para quê?** In: SILVA, Aina Maria M; et al (Orgs). **Educação formal e não formal, processos formativos e saberes pedagógicos: desafios para a inclusão social.** XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Recife: ENDIPE, 2006.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força: Rotinas na Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília: Câmara dos Deputados, 1988.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. **Indicadores de Qualidade para a Educação Infantil.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN).** Lei Federal nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 1 v.

BRASIL. **Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, MEC/SEB, 2006.

BRASIL. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil.** Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 1 v.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CRAIDY e KAECHER, Carmem Maria e Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

CORSARO, W. **A sociologia da infância**. Califórnia: Pine Forge, 1997.

FARIA, Sonimar Carvalho. “**História e Políticas de Educação Infantil**”. IN: FAZOLO, Eliane. (org). **Educação Infantil em Curso**. Rio de Janeiro: Ravigil, 1997.

FORNEIRO, Lina Iglesias. **A organização dos Espaços na Educação Infantil**. In: ZABALZA, Miguel A. (Org). **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GARCIA, Regina Leite. **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DPLA, 2001.

HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, cores, sons e aromas: A organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de S. (org.) **Pesquisa social**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOURA, Margarida Custódio. **Organização do espaço: Contribuições para uma educação infantil de qualidade**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

OLIVEIRA, Zilma M. R. **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

ZABALZA, Miguel A. (Org). **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2007.